

A ESCRITA DAS CRIANÇAS EM PROCESSO INICIAL DE ALFABETIZAÇÃO: INDÍCIOS DE AFETO E ESTILO EM CARTAS E BILHETES ENDEREÇADAS ÀS PROFESSORAS

Welessandra Aparecida Benfica¹

Resumo:

A pesquisa busca analisar as condições da emergência do discurso escrito de crianças em fase de alfabetização por meio das formas de escrita referenciadas pelo afeto, em bilhetes, cartas e outras escritas dirigidas às professoras alfabetizadoras. Pretende-se investigar universos de referências do sujeito com a escrita inicial, suas formas de expressão, os afetos na emergência do discurso escrito na Alfabetização e aspectos que possam oferecer bases para se pensar a possibilidade de construção sobre uma narrativa do processo de alfabetização vinculada ao pertencimento do sujeito que aprende, à construção de sua alteridade/ discursividade e ao afeto sócio interacional (Bakhtin, Vigotski e Ostrower). A análise documental é o instrumento metodológico utilizado e é composto de um acervo de bilhetes, cartas e cartões entregues às professoras alfabetizadoras, escolhidos segundo critérios estabelecidos. Essa análise será guiada pela construção das categorias provenientes das leituras e incursões sobre a teoria da Linguagem de Bakhtin, em especial os atos de fala, o afeto sócio interacional, os indícios da escrita que revelem a emergência do discurso escrito inicial, e a busca por compreender de que maneira essas crianças manifestam seus afetos por meio da escrita. Ainda se evidencia na proposta a definição de tomar as cartas produzidas como referências para a elaboração de um livro intitulado “Cartas às crianças escritoras que ainda vão nascer”. A intenção central da pesquisa é coadunar estudos realizados no doutoramento em Educação com convergência para as práticas discursivas da escrita e investigar como, onde e porquê o sujeito se distancia de seu potencial criativo e coloca a escrita num lugar inalcançável e apavorante.

Palavras-chave: escrita; estilo; indícios de afetos; alfabetização discursiva.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa circunscreve campos do conhecimento que se aglutinam e se ampliam em áreas convergentes, destacando-se a Educação, a Alfabetização em perspectiva discursiva, as práticas de linguagem em contextos variados, com foco na enunciação, discurso e interação dos sujeitos.

Nos meandros da escrita encontramos dois extremos: o professor que chega na sala de

aula e determina a escrita dos estudantes e o professor que diz aos estudantes ‘escrevam o que quiserem’. Ambos manifestam ações que remetem a práticas perversas: a primeira





autoritária, a segunda niilista (Fayga Ostrower).

Ao considerar o processo de criação e criatividade Fayga adverte: o sujeito não inventa uma forma expressiva. Primeiro ele vive. E em função dessa experiência de vida ele encontra a expressão para esta experiência. Tanto é possível, quanto necessário pensar a escrita pelo caminho do olhar artístico de Ostrower. No trabalho da escrita a criança revela o seu potencial criador e que envolve a capacidade de compreender, relacionar, ordenar, significar e configurar.

Uma perspectiva que também nos apresenta possibilidade de discussão reside na perspectiva dialógico-discursiva, onde ouvir, falar e escrever não podem ser dar fora do processo interlocutivo.

A assimetria entre os interlocutores e toda a luta de forças que se travam na arena discursiva fazem com que nem todas as vozes sejam ouvidas da mesma forma, e torna-se premente olhar os sujeitos e seus modos de produzir, criar e interligar as suas ações.

Nesse sentido, o que se pretende dizer nessa pesquisa encontra ancoragem em condições da emergência do discurso escrito de crianças em fase de alfabetização por meio de suas formas de escrita referenciadas pelo afeto.

Pretende-se investigar universos de referências do sujeito com a escrita inicial, suas formas de expressão, os afetos na emergência do discurso escrito na Alfabetização e aspectos que possam oferecer bases para se pensar a possibilidade de construção sobre uma narrativa do processo de alfabetização vinculada ao pertencimento do sujeito que aprende, à construção de sua alteridade/discursividade e ao afeto sócio-interacional.

As questões de pesquisa que procuramos aprofundar podem ser assim evocadas:

Como a escola tem trabalhado a criação e a imaginação da escrita na emergência do discurso escrito inicial da criança? Se cada sujeito cria a partir de seu universo de possibilidade e de suas interações no mundo, a escola tem sido lugar de criação e criatividade? Que fios tem puxado? Quais estratégias podem ser visualizadas nas escritas afetivas das crianças e que podem ser interpretadas a partir do que a abordagem discursiva dispõe como elemento interpretativo de um fazer discursivo-interacional?

Na formação de professoras na disciplina de Alfabetização e Letramento, que ministro há 10 anos no Curso de Pedagogia, sempre trabalhei com as professoras questões que preservam três grandes temáticas: a condição da emergência da Linguagem, as



convergências entre Alfabetização e Letramento, a condição da escrita por meio da Psicogênese da escrita de

X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

Emília Ferreiro, e por fim, uma unidade toda dedicada à escrita como prática discursiva. Ler Smolka nos possibilitou entender que há algo a se fazer para além da gênese da escrita.

Não é fato novo que temos que caminhar em direção a um aprofundamento sobre a alfabetização para além da Psicogênese. Sempre perguntam o que fazer com a criança que não se encontra em nenhuma fase ou nível psicogenético da escrita. Como ler as escritas produzidas? Posso jogar fora? Fingir que não entendi? O que a criança quer dizer com isso? E quando entendem que a escrita e a escritura são duas faces da construção do texto, percebem que há muito o quê desvendar sobre o sujeito, o discurso e as inúmeras construções que ele faz para se apropriar/constituir sua escrita. Fazer o retorno a essa produção escrita, por meio da produção afetiva das crianças pode desvendar onde o sujeito se afasta de seu potencial criativo e coloca a escrita um lugar inalcançável e apavorante.

O objetivo geral da pesquisa é investigar a emergência do discurso escrito na alfabetização por meio das “cartinhas” de afetos, identificando o repertório de escritas afetivas de crianças no primeiro ano de alfabetização. Almejamos ainda aprofundar na análise das produções escritas afetivas por meio de *indícios* que revelem a ação das crianças sobre sua criação escrita e verificar como são produzidas as escritas afetivas presentes nas turmas de alfabetização.



METODOLOGIA

A análise documental é o instrumento metodológico utilizado e é composto de um acervo de bilhetes, cartas e cartões entregues às professoras alfabetizadoras, escolhidos segundo critérios a serem estabelecidos no decorrer da investigação. Essa análise será guiada pela construção das categorias provenientes das leituras e incursões sobre a teoria da Linguagem de Bakhtin, em especial os atos de fala, o afeto sócio interacional, os *indícios* da escrita que revelem a emergência do discurso escrito inicial, e a busca por compreender de que maneira essas crianças manifestam seus afetos por meio da escrita.

Segundo Oliveira (2007, p. 69) a pesquisa documental “caracteriza-se pela busca de informações em documentação que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornas, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação”.

Ainda pretendemos elaborar um livro sobre as cartas provenientes de um projeto a ser realizado como extensão. O livro tem como título “Cartas para as crianças escritoras que ainda vão nascer” em tomada proposital do livro intitulado RIOLFI, Claudia Rosa. Sem choro nem vela: carta aos professores que ainda vão nascer. São Paulo: Paulistana, 2012.

REFERENCIAL TEÓRICO

Vivemos tempos muito turbulentos em que muitas emoções, de vários tipos, nos atravessam, a nós e às crianças. A escola só tem sentido se contribuir para uma compreensão maior da sociedade e do mundo que habitamos (GOULART; VIDAL, 2021, pág.60).

Entendemos que esse sentido passa por algumas dimensões, dentre elas, a escrita. Ao se referirem à escrita, as autoras nos permitem pensar que se escreve para alguém, com uma intenção, um motivo ou uma necessidade. Essa é a escrita escolar que tem permeado as práticas alfabetizadoras? Há alguém específico para o qual esse texto é dirigido? A professora acolhe e inspira a escrita das crianças?



Se inspirar a escrita é “ajudar os estudantes a descobrirem que suas vidas valem a pena

serem passadas para o papel, se o ajudarmos a selecionar seus tópicos, seu gênero e sua audiência”. (CALKINS.M.1989, pág.18), e se essas são premissas do ato de escrever, há que ser ter muito mais que uma folha em branco e um desejo de escrever no confronto que a criança tem com esse objeto novo em sua vida escolar. A professora que recebe a escrita, o papel que desenhado borda traços, corações, estrelas, imagens diversas, imbuídas de afetos e intenções são elementos a se considerar ao escrever, porém outros a atravessam tanto quanto o ato da escrita.

Zabala (2021) adverte sobre uma condição importante para definir as escolhas dos sujeitos enquanto leitores/escritores, a qual denomina de “caixa de ferramentas”,

Todas las personas tenemos un repertorio único con recursos lingüísticos y no lingüísticos diversos, que va enriqueciéndose y cambiando con el tiempo en la medida en que participamos en diferentes esferas de la sociedad. En ese sentido, podemos decir que la forma de los repertorios, o lo que tenemos en esta caja de herramientas, está en una relación estrecha con la biografía de las personas y con las oportunidades que han tenido de participar en diversas prácticas sociales a lo largo de la vida. (Zabala, 2021, pág.3).

Considerando que as crianças participam de eventos diversos à sua entrada na escola e que se encontram recém-chegadas da Educação Infantil ao adentrarem no ano inicial de alfabetização, o repertório de escritas com a qual se relaciona pode estar ancorado em afetos fundamentais que podem concorrer para uma empreitada em direção ao texto escrito. Se pensamos a linguagem como ordenadora de sentidos singulares podemos observar um fato que Ostrower destaca: a linguagem não tem materialidade por si mesma. Então, o que dá materialidade à linguagem? Para Fayga é algo externo que dá existência à linguagem, que em si não é subjetiva. “A matéria objetivando a linguagem é uma condição indispensável para podermos avaliar as ordenações e compreender o seu sentido” [...], é a matéria que possibilita a objetivação da linguagem e por conseguinte a própria expressão subjetiva.” (OSTROWER, 1987, p. 37).

Em Bakhtin encontramos o sujeito que age na e pela linguagem. O sujeito que se desdobra para libertar-se das amarras das estruturas por meio da história. O sentido da



palavra, para o sujeito bakthiniano, é totalmente determinado por seu contexto. De fato, há tantas significações possíveis quanto contextos possíveis. No entanto, nem por isso a palavra deixa de ser una.

Elá não se desagrega em tantas palavras quantos forem os contextos nos quais ela pode se inserir. Para o autor é esse entrecruzamento de vozes que tornam o signo vivo e móvel, capaz de evoluir. Fora das lutas sociais, a língua não teria existência concreta, o que corroboramos em relação à escrita. Assim, “o mundo interior e a reflexão de cada indivíduo têm um auditório social próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações”. (BAKHTIN, 2006, p.108). A palavra seria, então, esse lugar que agrupa a duplidade do sentido.

O autor assevera que na realidade, toda palavra comporta duas faces. Elá é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Elá constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro.

Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

“Raios de luz vai te alcansar, querida professora, vou sempre te amar”. O enunciado retirado de uma das *cartas* enviadas à professora revela uma criança, em fase inicial de alfabetização, de uma escola pública, com tempo livre após terminar a atividade de sala, e que decide lançar seus raios de luz sobre o papel, evidenciando seu desejo pela professora.

Em uma primeira mirada, o verbo transitivo direto “alcançar”, dentre vários outros sentidos, significa chegar a determinado lugar; a criança revela que a professora será atingida, ou ainda alcançará um território luminoso, pois a luz incidirá sobre ela de forma contundente. Os riscos no papel trazem as linhas imaginárias dos raios que podem ser visíveis por meio dos riscos traçados no cartão entregue à professora.

Chama a atenção o fato de que os raios desenhados no papel entregue à professora são

do tipo incidentes, aqueles se movem em direção e atingem uma superfície, dando o exato sentido da frase que vem logo a seguir: “querida professora, vou sempre te amar”.

Tomando como base a condição do sujeito afetivo e livre em sua produção, na relação com um outro, pode-se dizer que na escrita também é possível pensar sobre os raios refletidos que mostram o caminho que a luz segue após ricochetear na superfície, e os raios refratados, aqueles que surgem quando a luz segue após se dobrar e se mover por uma matéria. O que poderíamos retomar em Bakhtin sobre a dialogia da linguagem nesse episódio?

Ao mirarmos a criança que produz como um sujeito posicionado e responsivo, dono de sua construção, podemos perceber em Bakhtin a unidade linguagem-dialogia o que configura a ação de escrever como uma troca entre diferentes vozes e pontos de vista. Ao entender a comunicação como uma interação contínua, em que as palavras e os significados são moldados pelo contexto e pelas respostas dos outros, Bakhtin nos permite interrogar: não seria então a escrita, somente possível, quando há um outro a quem ela possa atingir, refletir, ou se mover/refratar?

A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (Bakhtin, 2006, p.108). Para o autor, a partir da consideração do eu com os outros, “toda enunciação é socialmente dirigida”.

Ao observarmos a condição de produção do texto escrito, entendemos que tem sido buscada uma perspectiva que contemple o sujeito da enunciação nos estudos que privilegiam o texto (Bakhtin, 2003), ou seja, de onde fala, como fala e com quem fala e os modos de produção do discurso, e que as marcas textuais têm relação com as diversas experiências do sujeito que escreve/produz.

Essa produção, por sua vez, é social, e, por isso, vem marcada por condições que emergem das representações do sujeito sobre o mundo. O sujeito anuncia o mundo. E suas interpretações são provenientes de um feixe de significados. Nem sempre o discurso se apresenta quando falamos. Em momentos que o sujeito silencia, e que dá permissão para as palavras serem atravessadas pelo silêncio, também podemos perceber a presença de



significação (Orlandi, 1995, p. 12).

Fayga aborda da importância de formas de relações afetivas e alerta para a superespecialização, que é burocrata, mecânica, desprovida de afetividade e de qualificações criativas. A autora traz com precisão a palavra sensibilidade, que baseada numa disposição elementar, num permanente estado de excitabilidade sensorial, é uma porta de entrada das

sensações (Ostrower, 2001, pág. 12). Se a alfabetização evoca inicialmente as experiências sensíveis das crianças e se traduz em percepção a partir do sujeito cognoscente, esse pode ser capaz de ordenar a realidade e apreender o mundo, compreendendo-o. As experiências são “significadas”. No entanto, se o signo é isolado, ele se torna apenas objeto. O signo não pode se constituir isolado do contexto e da ideologia. A sala de aula deve ser encarada como comunicação social e todas as interações que ali se processam e que são constituídas nesse espaço são produzidas para pressionar, ampliar ou referenciar os processos de ensino aprendizagem. A escrita seria então uma atividade criadora, permeada por todas as condições de construção do signo. E para nós, também material e criativa. Evocamos Vigotski quando afirma

Chamamos atividade criadora do homem àquela em que se cria algo novo. Pouco importa se o que se cria seja algum objeto do mundo externo ou uma construção da mente ou do sentimento, conhecida apenas pela pessoa em que essa construção habita e se manifesta. (Vigotski, 2018, pág. 13)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em andamento evidencia condições de emergência do discurso escrito por meio dos indícios de afetos e dos universos de referências do sujeito com a escrita inicial, suas formas de expressão, os afetos na emergência do discurso escrito na Alfabetização. Pretende-se entender quais são os aspectos que possibilitem construir bases uma narrativa do processo de alfabetização vinculada ao pertencimento do sujeito que aprende, à construção de sua alteridade/discursividade e ao afeto sócio-interacional.

A intenção recai sobre as hipóteses que dialogam com a escolha de nosso referencial teórico. A primeira delas é que não se escreve sem intencionalidade. A segunda hipótese aponta para o fato de que a escrita é potencialmente criativa a partir do que o sujeito elabora



nas relações de poder/afetos. E por fim, acreditamos que é por meio do afeto sócio-interacional a criança elabora a esfera, cria e transforma o texto.

A pesquisa vislumbra as possibilidades de entender aspectos envolvidos na alfabetização em perspectiva discursiva, bem como os sentidos engendrados nas escritas iniciais das crianças.

Acreditamos que é preciso construir um repertório denso a partir das vivências e experiências de quem escreve, e assim tornar a escrita um objeto acessível, onde escrever ultrapasse condições materiais objetivas e possam traduzir os anseios, desejos e condições singulares dos sujeitos que exercem esse direito.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao PPLIN (Programa de pós graduação em Letras e Linguística da UERJ pelo acompanhamento do meu estágio pós-doutoral na presena constante da orientadora Professora Pós-doutora Victória Wilson).

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BAKTHIN, M. Estética da criação verbal. 4.ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003
- CALKINS, M. A arte de ensinar a escrever. Porto Alegre: Artmed,1989
- GOULART, Cecília M.A; GONÇALVES, Ângela Vidal. Alfabetização: linguagem e vida - uma perspectiva discursiva. Revista Brasileira de Alfabetização. Número 14 – 2021, pág.48-61
- OSTROWER, Fayga. A sensibilidade do Intelecto: (visões paralelas de espaço e tempo na arte e na ciência). – 10.ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 1998.



X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

